ARTIGOS LIVRES

HISTÓRIA E MEMÓRIA: OS DIZERES SOBRE A FESTA DE SANTA EDWIGES NA CIDADE DE POUSO ALEGRE – MG

HISTORY AND MEMORY: THE SAYS ABOUT THE PARTY OF SANTA EDWIGES IN THE CITY OF POUSO ALEGRE - MG

Cleyton Antonio da Costa[1]
Geraldo Delfino Rodrigues[2]

Resumo: O presente artigo pretende analisar os diferentes dizeres sobre a festa de Santa Edwiges, que acontece no dia 16 de outubro na cidade de Pouso Alegre, localizada no sul do estado de Minas Gerais, com o intuito de buscarmos as diferentes lembranças e experiências vivenciadas por diferentes atores sociais que organizam e participam do evento. O corpus documental é composto por narrativas orais, que possibilitam compreender como os sujeitos sociais vivenciam o período festivo, elencando diferentes questões; também trabalhamos com fotografias que pertencem aos moradores do bairro, oportunizam registram o espaço e as relações dos sujeitos com o espaço da festa. Assim, busca-se compreender a festa como uma referência temporal na vida da comunidade.
Palavras-chave: Festa; Cidade; Memória.

Abstract: This article intends to analyze the different words about the place of the feast of Santa Edwiges, which takes place on October 16 in the city of Pouso Alegre, located in the south of the state of Minas Gerais, in order to search for the different memories and experiences by different social actors who organize and participate in the event. The documentary corpus is composed of oral narratives, which make it possible to understand how social subjects experience the festive period, listing different issues; also work with photographs that belong to the residents of the neighborhood, opportunize register the space and relations of the subjects with the space of the party. Thus, it is sought to understand the celebration as a temporal reference in the life of the community.
Keywords: Party; City; Memory.

[1] Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Vale do Sapucaí. Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2015). Graduado em História pela Universidade do Vale Sapucaí - Pouso Alegre (2012). Formado pelo Curso Livre de Filosofia pela Faculdade Católica de Pouso Alegre (2006). Foi Coordenador da Área de História do PIBID/Univás (2016 a 2018). Pesquisa nas seguintes temáticas: Cultura, Cidade, Memória, Festejos e Ensino de História.

[2] Graduado em História pela Universidade do Vale do Sapucaí.

Introdução

Compreendemos que o sul de Minas é um território constituído por diferentes festas que agenciam múltiplos enfoques como religioso, turístico, político, gastronômico e econômico, sendo formuladas por diferentes valores e gestos, possibilitando assim a produção de múltiplos discursos. O presente artigo pretende analisar os diferentes dizeres sobre a festa de Santa Edwiges, que acontece no dia 16 de outubro na cidade de Pouso Alegre, localizada no sul do estado de Minas Gerais. O trabalho tem como intuito resgatar as diferentes lembranças e experiências vivenciadas por diferentes atores sociais que organizam e participam do evento.

Nosso objeto refere-se à festa de uma comunidade, porém alguns questionamentos emergem, como: Essa festa tem o mesmo sentido para aqueles que (d)nela participam? Porque há territórios estabelecidos pelos festejos, onde um é sagrado e o outro "profano"? Que lembranças essa festa tem para aqueles sujeitos sociais que contribuíram na construção da igreja e para aqueles que festejam? E diante desses pressupostos problematiza-se todo o entorno da festa.

Diante desses pressupostos compartilhamos com Guarinello que

> Uma festa é uma produção social que pode gerar vários, produtos, tanto materiais como comunicativos ou, simplesmente, significativos .O mais crucial e mais geral desses produtos é, precisamente, a produção de uma determinada identidade entre os participantes, ou, antes, a concretização efetivamente sensorial de uma determinada identidade que é dada pelo compartilhamento do símbolo que é comemorado e que, portanto, se inscreve na memória coletiva como um afeto coletivo, como a junção dos afetos e expectativas individuais, como um ponto em comum que define a unidade dos participantes. A festa é num sentido bem amplo, produção de memória e, portanto, de identidade no tempo e no espaço sociais (2001, p. 972).

A festa de Santa Edwiges do bairro "Ribeirão das Mortes" é uma experiência social que marcou e marca vários sujeitos sociais, tanto no que se refere ao âmbito religioso quanto na esfera das festividades sociais. Com isto apontaremos as relações vivenciadas por estes sujeitos que, por meio de suas

memórias contribuem para a análise da festa. Compreendemos os vários olhares - até divergentes, acerca da festa que se estrutura conforme gestos e valores, sendo estes sociais ou individuais, e que conferem à mesma um status próprio devido à expressão significativa que produz.

A vivência da festa produz significados e olhares, consolidando como uma manifestação cultural relevante da comunidade Santa Edwiges, mas que não se limita ao bairro na questão física, pois muitos dos participantes são de outros bairros e cidades vizinhas. Assim, as relações estabelecidas pelo festejo materializam a quebra do cotidiano do bairro e também formulando a cada ano novos sentidos ao evento.

Diante deste contexto, entendemos a importância da atuação do historiador junto à sua pesquisa e seu compromisso na sociedade, lutando na busca de evidenciar questões que até então foram ocultadas ou esquecidas. Dessa forma, vemos a relevância do olhar político conforme nos apresenta Sarlo (1997) quando coloca que;

> Um olhar político aguça a percepção das diferenças como qualidades alternativas frente às linhas respaldadas pela tradição estética ou pela inércia. [...]Um olhar político sabe descobrir as tendências que questionam ou subvertem a ordem estético-ideológica, abrindo trilhas nas fórmulas da arte realmente existentes (1997, p. 60).

Entendemos o “olhar político” colocado pelo autor, como a postura do historiador diante da realidade, pautado na luta de trazer à tona novos olhares, novos questionamentos aos acontecimentos, como são vistos e reproduzidos. Aguçando a percepção crítica frente ao objeto estudado, proporcionando a compreensão de versões esquecidas e ignoradas.

Imersos nessas memórias variadas é possível compreender, refletir as diferentes problematizações que atravessam a festa realizada no dia de 16 de Outubro, e assim é visível que *“a festa traz(ia) a possibilidade outra de viver a cidade [...] tomando posse de seus espaços” (PEREZ, 2002, p. 48-49).*

Deparamo-nos com a preocupação de compreender este espaço que é o bairro, que se torna palco, anualmente, dos festejos. Percorrendo tal inquietação em entender o que é a cidade, defrontamos com Sennett afirmando que *“nesse espaço de concentração populacional, os homens que vivem na cidade não se*

entenderão, estando, pois, contida na narrativa original, uma condenação: a cidade está destinada a ser o centro de conflito" (1998, p 58). Compreende-se que o espaço urbano se traduz na busca de interesses pessoais e coletivos, nas mais diferentes instâncias como a econômica, política, jurídica, religiosa, nisto se materializa como o centro dos conflitos. Regida pela convivência compulsória, também são engendradas negociações, relações que do mesmo modo serão tangidas pela tensão, pela luta de poderes que se inscreve no cenário citadino. Porém, da mesma forma que vemos o espaço urbano como este centro de conflitos, é também evidenciado o permear do encontro, da partilha de saberes, experiências e memórias, de forma mais intensa no período festivo.

A Comunidade e a Festa

Localizada na região sul do Estado de Minas Gerais, Pouso Alegre possui uma de 143.846 hab/km2, estimativa 2015 (população calculada pelo IBGE no censo de 2010), localizada no extremo sul mineiro, conhecido como o segundo município mais populoso do sul de minas e o 17º do Estado de Minas Gerais. Embora com grande população urbana, estima-se que aproximadamente 10 mil habitantes habitam a zona rural. Seu forte é o comércio e as indústrias. O Bairro Santa Edwiges fica localizado na região norte da cidade de Pouso Alegre.

Para compreendermos a importância da festa de Santa Edwiges, devemos perceber que o aspecto religioso está fortemente marcado junto as origens do bairro. As memórias dos moradores do bairro trazem diversas possibilidades de conhecer o espaço e os diferentes significados para a Festa de Santa Edwiges. Como vemos na narrativa da senhora Maria Imaculada

> "Quando eu era criança tinha uma capelinha na beira da estrada e já era Santa Edwiges quando Dona Delma pediu Efigênia e Imaculada para pedir prenda para primeira festa. E Dona Delma começou a levar a santa para outras cidades e começou os devotos da Santa. No começou rezava na garagem da Dona Delma".[3]

[3] Entrevista com a senhora Maria Imaculada Barreiro da Silva.

A temporalidade rege a elaboração da narrativa, ao iniciar se firmando no passado estabelecido de sua infância demonstra o olhar acerca do seu espaço de vivência. A capelinha próxima à estrada configura-se um espaço de encontro em um lugar de passagem, de ir e vir. No caminhar a capelinha indica a parada para o revigorar a fé e a força na continuação da caminhada.

A crença na santa, que é padroeira do bairro, já começa a ser cultivada desde muito cedo. As relações construídas com a devoção marcam as significações em ter como referência de vida uma mulher que é santa.

Outro aspecto apontado se refere ao fragmento “já era santa Edwiges”, afirmando que a devoção a santa no lugar já era estabelecida no bairro, ou seja, aceita pela comunidade. Demarca a estabilidade do dizer, o verbo no pretérito fortifica a devoção a santa.

As experiências festivas são revigoradas e fortificadas a cada ano com a realização da festa. Conhecer essas memórias é essencial para compreender os diferentes significados deste momento na comunidade. É com este intuito e por meio da História Oral, que foi realizado este estudo, na busca de conhecer e evidenciar experiências de sujeitos sociais que vivenciaram e vivenciam a Festa de Santa Edwiges. Através dessa metodologia de pesquisa de campo, foi possível analisar as experiências de homens e mulheres permitindo um percurso de conhecimento e possibilidades de valorização a grupos sociais até então invisíveis na documentação oficial escrita.

Domingues nos orienta que

> A História Oral tem sido uma das grandes contribuições ao estudo das experiências de homens e mulheres em diversos setores da sociedade, abrindo um caminho de conhecimento e possibilidades de valorização de grupos até então invisíveis na documentação escrita (2011, p. 21).

As narrativas orais oportunizam conhecer diferentes leituras do passado e da comunidade em que reside o sujeito social. A História Oral contribui para que o conhecimento histórico possa se ampliar e não ficar restrito apenas a um grupo específico. Sujeitos até então ignorados, excluídos ou silenciados são convidados a narrar suas lembranças e vivências e desse modo novos olhares

e significados são estabelecidos a diferentes questões, como no nosso caso, a Festa de Santa Edwiges.

A narrativa da Senhora Maria Imaculada traz também a questão do início da festa na comunidade, mas com uma prática específica da comunidade. Como vemos no seguinte fragmento: *"E Dona Delma começou a levar a santa para outras cidades e começou os devotos da Santa".*

Aqui notamos que a devoção da santa não ficou restrita ao bairro, mas extrapolou os limites geográficos e foi levada para outras cidades. Dona Delma é uma das lideranças da comunidade, ao fazer isso, de levar a imagem da santa para outras localidades, é buscado o fortalecimento da devoção não somente no bairro, mas em outros espaços.

A devoção não é traçada pelo limite geográfico do bairro, gerencia uma prática que é fortalecida no local e conecta-se com outras localidades. Não há um obstáculo e sim uma ligação com diferentes espaços, que comungam com a reverência a santa.

E esses "novos devotos" de fora vão recorrer a santa que está localizada no bairro, ou seja, reforçando as práticas religiosas no bairro, com diferentes sujeitos, esses não residentes no bairro.

Abreu nos aponta que

> As festas – de caráter religioso, cívico ou carnavalesco – também foram valorizadas pela historiografia como um atraente caminho para se conhecer uma coletividade, suas identidades, valores e tensões, através das atitudes, dos comportamentos, dos gestos e do imaginário presentes em suas celebrações (1999, p.38).

Ao percorrer esse caminho atraente deparamos com diferentes indagações que são formuladas pelos gestos e práticas que são executados somente no período festivo. A festa traz uma nova forma de estar na/em comunidade.

O início deste movimento se dá em um espaço improvisado, *"no começo rezava na garagem da Dona Delma"*. A comunidade se reúne em um lugar que tem outros usos, atrelado a casa da líder comunitária. Abaixo vemos um dos primeiros pontos de encontro da comunidade, a Capela de Santa Edwiges.

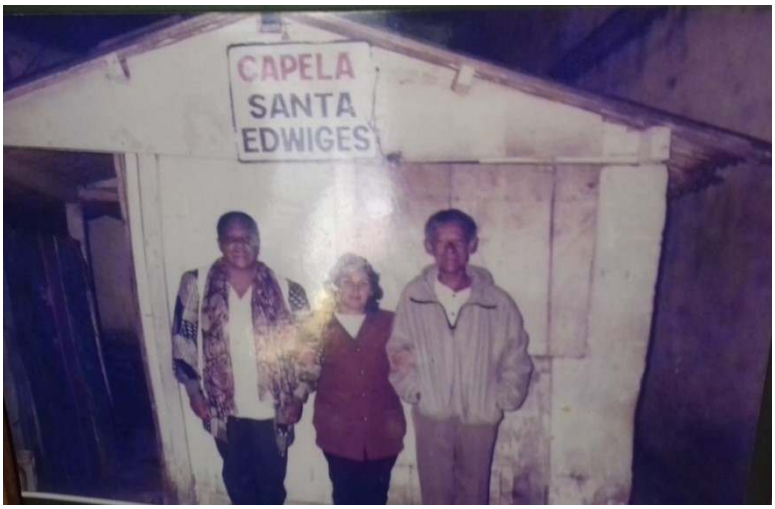

Imagem 01 – Capela de Santa Edwiges[4]

Feita de madeira e telhas simples, se concretiza no espaço de oração da comunidade. Formulando como o lugar de devoção da Santa Edwiges. A Santa se torna referência para a comunidade. Nisso é importante apresentamos um pouco a história da Santa Edwiges, que era uma senhora rica, que ao ficar viúva doa todo seu dinheiro para caridade[5].

Tendo como referência da santa, o exemplo de caridade a comunidade se reúne e louva a santa com orações e missas, concretizando-se como um espaço de respeito para a comunidade católica. Ao analisar a igreja como espaço de encontro e de realização da festa podemos compreender que *"o lugar da memória numa determinada cultura é definido por uma rede discursiva extremamente complexa, envolvendo fatores rituais e místicos, históricos, políticos e psicológicos*" (HUYSSEN, 2000, p. 69). Assim, deparamos com as questões que significam o bairro Santa Edwiges com suas práticas e significados, constituindo como um lugar da memória dos moradores que vivenciam a festa como uma referência histórica e religiosa.

Em conversas informais com Dona Delma foram apresentadas as dificuldades que a comunidade passou, mas ao longo do tempo a comunidade se juntou e construiu a primeira igreja. Dona Delma rememora as primeiras iniciativas festivas no bairro. *"As primeiras festas só deram prejuízo, aí começou*

[4] Fotografia gentilmente cedida pela senhora Delmaria do Carmo.
[5] Disponível em http://www.cruzterrasanta.com.br/significado-e-simbolismo-de-santa-edwiges/284/103/. Acesso em 27 de junho de 2016.

a fazer as quadrilhas na festa. Coordenado por Mauro, Neusa, Lafaiete, e Dona Delma na frente na coordenação."[6]

Vários fatores podem ter levado ao fracasso da festa, dentre eles: falta de divulgação, organização do espaço festivo de modo precário, falta de voluntário para colaborar, entre outros. Também notamos a presença da dança como a quadrilha. Aí se estabelece um mecanismo de atrair as pessoas para a festa, ver os filhos dançarem ou um amigo participando com a comunidade. Elemento que desperta o interesse de ir à festa e aí todos participarão da mesma.

As primeiras festas já têm a presença de um grupo de coordenação, isso mostra que no início não havia a presença de "festeiros", mas de uma comissão da comunidade.

A festa tem papel importante nessa organização da comunidade, pois seus significados são variados como forma de obter dinheiro para construção de uma nova igreja e também como forma de fortalecer a devoção, promover a sociabilidade e o lazer na comunidade.



Imagem 02 – A construção da igreja Santa Edwiges.[7]

[6] Entrevista com Dona Delmaria do Carmo Marinho.
[7] Fotografia gentilmente cedida pela senhora Delmaria do Carmo.



Imagem 03 – O mutirão da construção da Igreja[8]

Vemos no registro iconográfico a construção da igreja no ano de 1986, sendo que o dinheiro para a obra vinha todo da festa, que é realizada na segunda quinzena do mês de outubro, como já colocado.

A obra da igreja articula o sentido de união entre moradores da comunidade pois grande parte da obra foi realizada por meio dos mutirões, pessoas se reuniam em dias específicos e ajudavam gratuitamente. Assim, destaca o significado referente à devoção de Santa Edwiges. E a festa é um ponto de convergência de todo o trabalho e celebração da vida em comunidade.

Nesse contexto, na construção da igreja os mutirões são mecanismos buscados para uma melhor organização na construção. Simultaneamente, se construía um espaço físico e também um vínculo comunitário. Os registros fotográficos permitem observar essa dinâmica oportunizada pelos mutirões.

[8] Fotografia gentilmente cedida pela senhora Delmaria do Carmo.



Imagem 04 – Lanche servido após o mutirão.[9]

Após os momentos de mutirão para a construção da nova igreja da comunidade, Dona Delma servia um lanche aos voluntários. Na imagem notamos a presença na sua grande parte de jovens, colaborando de forma gratuita. Ao centro está Dona Delma como uma referência de atuação na comunidade, sendo que está sempre presente em todos os momentos da construção. Também como forma de agradecimento ao trabalho realizado e como uma maneira estratégica de estabelecer laços com os sujeitos que colaboravam com a construção.

Assim vemos a festa como um processo em construção, conforme nos orienta Domingues afirmando que a festa *"é pensada como uma tradição atualizada e ao mesmo tempo em transformação, que se constitui nas experiências sociais diversas, instituindo como um campo de memórias atravessado pelos conflitos de classe"* (DOMINGUES, 2007, 121).

[9] Fotografia gentilmente cedida pela senhora Delmaria do Carmo.

A festa é resignificada a cada ano, onde elementos são incluídos, outros retirados, assim a compreendemos como uma prática móvel, que se transforma conforme os interesses e necessidades.

Dona Maria Imaculada em sua narrativa aponta que: *"E quando começamos o povo não dava prenda, achava ruim de estarmos pedindo. Quando começou tinha uma missa por mês".*

A busca de prendas, ou seja, mantimentos para a produção de salgados, e também dinheiro, se fazia na ida de casa em casa pelos coordenadores da festa, como foi mencionado acima.

A narradora aponta que no começo desta prática o *"povo não dava prenda"*, pois se tratava de uma nova prática e aí constrói a resistência. *"Achava ruim"* pois até então, não havia festa no bairro e não havia formulado um espírito de solidariedade dentro daquele lugar. Novas práticas trazem rupturas e desconforto.

Hobsbawm e Ranger nos mostram que "*as tradições 'inventadas' caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores"* (1997, p. 10).

Já havia os pedidos de prendas para festas de outros bairros e paróquias, mas não para a festa do próprio bairro, ou seja, era necessário um trabalho de conscientização e valorização do lugar que moram, trabalham e (con)vivem. Se configura aí a construção de uma nova situação, compreender a festa do bairro como uma forma de sociabilidade e encontro em um momento especifico.

Como descreve Jurkevics, a festa é *"um momento de celebração da vida, o rompimento do ritmo monótono do cotidiano, o que permite ao homem experimentar afetos e emoções"* (2005, p. 74). Entendemos que festejar é um irromper com o cotidiano marcado pelo trabalho, obrigações, horários, etc., mas, vemos como nesse caso por tratar-se de uma festa religiosa, as atividades percorrem momentos de devoção, contrição e reflexão. E no ato da inauguração, este apelo foi evidenciado de forma concreta.

O narrador Joaquim Marcelino lembra que *"a festa começou em 1980, a festa é sempre no terceiro domingo de Outubro, mas o dia da santa é 16 de*

novembro"[10]*.* A fala do senhor Joaquim reforça um marco temporal da festa na comunidade. Ao usar a menção que a festa iniciou no ano de 1980 busca apontar a permanência do evento na comunidade. E ao marcar que "a festa é sempre no terceiro domingo de outubro" permite compreender que a realização da festa se estrutura em um tempo/espaço.

Elabora-se um espaço extraordinário constituído por outras dinâmicas e um tempo estabelecido, formulando desta maneira a espera pela chegada e vivência do evento. Portanto, compreendemos que *"as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam"* (CHARTIER, 1990, p. 17). A busca em fixar a festa como uma data de espera constrói uma expectativa e esta se dinamiza de maneira certa, estar com a família, materializar a devoção, conviver com os amigos, entre outros. Forja-se um momento aguardado, ao registrar no calendário tal evento que institui um acontecimento cujo culminar traz sentimentos, valores durante o cotidiano regido pelo trabalho e obrigações.

Abaixo vemos o registro da festa no Livro do Tombo da Paróquia Bom Jesus.

[10] Entrevista com o senhor Joaquim Marcelino da Silva.

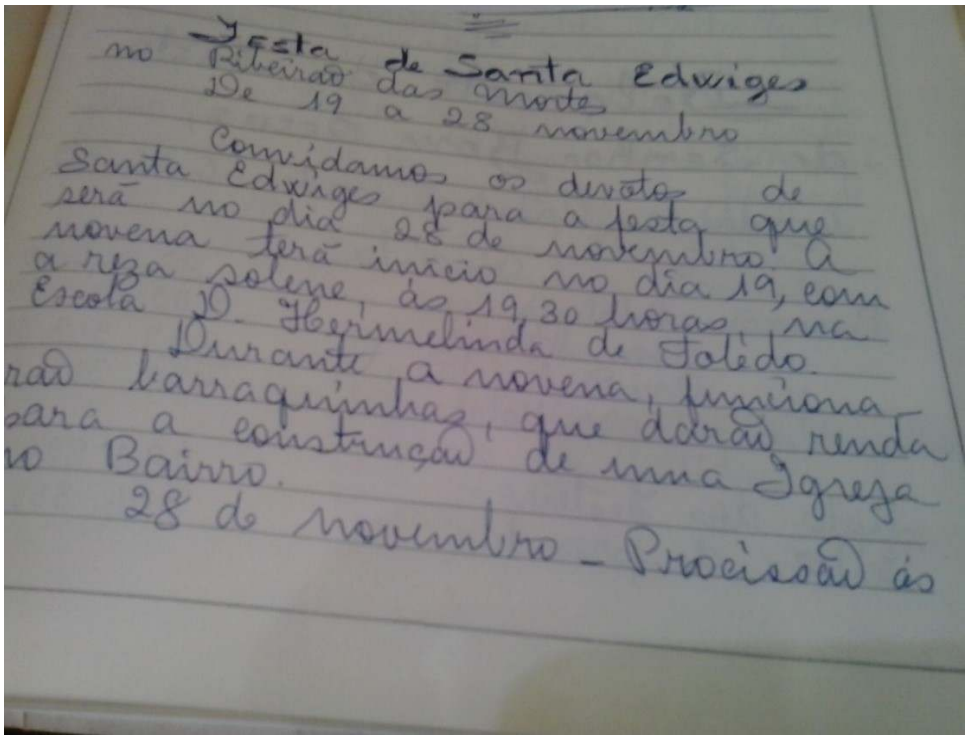
Festa de Santa Edwiges
no Ribeirão das Mortes
De 19 a 28 novembro
Convidamos os devotos de
Santa Edwiges para a festa que
será no dia 28 de novembro. A
novena terá início no dia 19, com
a reza solene, às 19,30 horas, na
Escola D. Hermelinda de Toledo.
Durante a novena, haverá
barraquinhas, que darão renda
para a construção de uma Igreja
no Bairro.
28 de novembro - Procissão às

Imagem 05 – Fragmento do livro do tombo[11]

O recorte acima é do Livro do Tombo, documento redigido pelo pároco - Monsenhor Benedito Magalhães, no ano de 1986. O registro configura-se como um convite para a comunidade participar da festa. Outro elemento importante é o local da festa na Escola D. Hermelinda de Toledo, escola do bairro Santa Edwiges, ou seja, a escola como lugar de referência para a comunidade e por possuir a estrutura para a realização de uma festa como cozinha, utensílios, espaços amplos para a festa e banheiros.

Continuando nesse registro, vemos que a fez possui um objetivo explícito que é obter renda para a construção da igreja no bairro. Aqui é evidenciada a necessidade de um espaço de encontro para rezas e celebrações que não dependa de outros como é o caso da escola, que é de responsabilidade da prefeitura. Fica claro a busca de autonomia e de um espaço próprio para a comunidade se reunir e festejar sua padroeira.

A busca por um espaço próprio para a reunião, para a celebração demonstra a intenção de significar ao pertencer ao espaço e significá-lo, Barros discute que;

[11] Livro do tombo da paróquia da Catedral São Bom Jesus.

> Toda cidade é na verdade um gigantesco quebra-cabeças, difícil de entender para quem está fora, mas que para os seus habitantes e visitantes habituais se mostra formado por peças claramente diferenciadas onde cada um conhece o seu lugar e se sente estrangeiro nos demais. A organização dos compartimentos urbanos é um processo relativamente complexo (2012, pp. 74-75).

Ao trazer essa discussão, Barros possibilita enunciar que a cidade não é um espaço igualitário e seus fragmentos, bairros, localidades, não são vistos da mesma forma como algo homogêneo. Mas sim de formas diferentes, que se encaixam, mas não contem a mesma tonalidade e significado.

A complexidade abordada pelo autor mostra que o viver no espaço vai muito além de estar e interagir com os outros, é elaborar significados específicos para cada "peça" desse espaço urbano. Os significados são engendrados a partir de vivências efetivadas e marcam ao longo do tempo certos estereótipos e olhares definidos para cada recorte deste tecido urbano.

O senhor Alcides narra sua colaboração na realização do festejo, onde sua atuação fica na parte da organização. *"Buscando, cadeira, mesa, fogão nas costas e botijão de gás. Na onde é o bar do Luizinho era o terreno que fazia a barraca de lona, que a tia Delma fazia o bingo e leilão"*[12].

A organização do espaço da festa é essencial para a realização, pois demonstra que essa se aproxima é possibilita um cotidiano diferente, marcados por gestos, valores que não são vivenciados em outros no dia-a-dia, constituindo um momento de celebração e encontro, como descreve Jurkevics, a festa *é "um momento de celebração da vida, o rompimento do ritmo monótono do cotidiano, o que permite ao homem experimentar afetos e emoções"* (2005, p. 74).

A narrativa do senhor Alcides reforça a atuação dada pelo uso da força em que deve carregar objetos pesados, organizar o espaço festivo, ou seja, seus dizeres materializam a atuação masculina ligada a trabalho pesado, apresentando as distinções nas tarefas na realização da festa.

Khoury discute que *"o narrador constrói sua identidade, fazendo uso dos elementos de sua cultura e historicidade e recorrendo a um passado significado*

[12]Entrevista com o senhor Alcides Pereira da Silva.

e ressignificado no presente, ao mesmo tempo em que expressa tendências no processo vivido" (2004, p. 128).

A construção de uma identidade que possibilita o homem atuar na festa, com ações distintas e especificas, oportunizando compreender o festejo como uma dinâmica que integra diferentes partes e ações.



Imagem 06 – A montagem da barraca para a festa[13].

A preparação da festa se dá na organização de seu espaço, onde ocorrerá atividades como bingo, vendas de salgados, um lugar que propicia o encontro e a sociabilidade dos participantes da festa. Outro aspecto que é visível que a festa não é algo estabelecido no improviso, mas sim no planejamento e organização. A necessidade de colher os bambus para a montagem da barraca, comunicar as pessoas que podem colaborar.

A festa de santa Edwiges é constituída por diferentes elementos como novena (nove dias seguidos de celebrações religiosas), procissão, bingo, venda de salgados e almoço.

[13] Fotografia gentilmente cedida pela senhora Delmaria do Carmo.



Imagem 07– Cartaz da festa do ano de 2013.

O cartaz traz a programação da festa com suas diversas atividades, materializando como uma forma de divulgação da festa, fortificando as relações com os participantes da festa que já a conhecem e também propiciando o convite àqueles que ainda não conhecem a comunidade e a festa.

Vemos no cartaz o seguinte enunciado: “Festa de Santa Edwiges 2013 Bodas de Prata”, aqui percebemos legitimada a tradição da festa, que há 25 anos é vivenciada na comunidade. Trazendo a constituição de temporalidade marcada pela realização do festejo, mas a tradição não se resume na repetição de gestos, práticas e ações e sim na configuração de novos sentidos ao evento que a cada ano recebe ou exclui algum elemento. Assim estabelece novos modos de vivenciar e sentir a festa, mas tendo como referência a devoção a Santa padroeira da comunidade.

Algumas considerações

Refletir a festa de Santa Edwiges possibilitou compreender como um bairro se organiza com relação às festividades religiosas, como se mobiliza na realização de um evento que é anual, mas que marca a temporalidade de espaço de forma significativa.

Tecendo um trabalho com as memórias podem-se compreender os diferentes significados que este possui, e assim entender as diversas maneiras de ver e fazer deste acontecimento festivo, que teve sua dinâmica norteada pela construção de um novo templo religioso e ao mesmo tempo sendo utilizada como mecanismo de construção e fortalecimento da população que dele participava.

Assim, foi possível abrir um leque de questões que trilharam este trabalho, contemplando a festa como um divulgador da devoção da santa e arrecadador de renda por parte da Igreja Católica. Mas, também, vimos o evento como forma de diversão, lazer de uma cidade que durante o ano aguarda a efetiva chegada do período festivo, quando são realizadas práticas culturais que mostram os valores e interesses dos moradores do bairro.

Referências

ABREU, Martha. **O império do Divino:** festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp, 1999.

BARROS, José d' Assunção. **Cidade e história**. Petróplis, RJ: Vozes, 2012.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna:** Europa 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DOMINGUES, Andrea Silva. **A arte de falar:** Redescobrindo trajetórias e outras histórias da Colônia do Pulador Anastácio/MS. São Paulo: Paco, 2011.

_____. **Cultura e Memória:** O festejo de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Silvianópolis – MG. (Tese de Doutorado em História Social). PUC/SP: São Paulo: 2007.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, I. & KANTOR, I. (Orgs.). **Festa***,* Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa. Vol. II, São Paulo: Ed. Hucitec / Edusp, 2001.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** 6ª Ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HUYSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória.** Rio de janeiro: Aeroplano, 2000.

JURKEVICS, Vera Irene. Festas religiosas: a materialidade da fé. In: **História***:* Questões & Debates, Curitiba, nº43, Ed. UFPR, 2005.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: Cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (Org). **Muitas memórias, outras histórias.** São Paulo: Olho D'Água, 2004, 128.

PEREZ, Léa Freitas. Antropologia das efervências coletivas. In: PASSOS, Mauro. **A festa na vida:** significados e imagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SARLO, Beatriz. **Paisagens Imaginárias***.* São Paulo: Edusp, 1997.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público:** as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.